

Em Tese

O RESSURGIMENTO DO POPULISMO E DO FASCISMO NO SÉCULO XXI

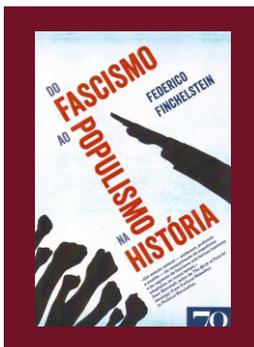
The resurgence of populism and fascism in the 21st century

Rodrigo Ricardo **MAYER**

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil
mayer.rrm@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-8611-2489> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 



FINCHELSTEIN, Federico. **Do fascismo ao populismo na história**. São Paulo: Almedina, 2019.

PALAVRAS-CHAVE: Populismo. Fascismo. Teoria Política.

KEYWORDS: Populism. Fascism. Political Theory.

Nos últimos anos, com a influência da eleição de Donald Trump e do reaparecimento da extrema direita, houve proliferação de obras sobre crise das democracias, populismo e sobre a direita radical e suas ligações com movimentos neofascistas e neonazistas. Apesar do destaque recente, o populismo nunca sumiu da agenda da ciência política desde a formalização do conceito no pós-ssegunda guerra. Nas duas últimas décadas destacaram-se os trabalhos de Laclau (2005), Laclau e Mouffe (1985), Canovan (1999), entre outros, que buscaram compreender as raízes do conceito, bem como a emergência e consolidação do populismo em regiões inesperadas (não somente nas experiências latino-americanas como a maioria dos trabalhos). Outro efeito da proliferação das pesquisas é a falta de precisão nas definições de populismo e fascismo, aproximando os dois termos e, por vezes, tratando-os como sinônimos.

Alguns autores, com destaque para Laclau (2005) e Mudde (2004, 2007), buscaram desenvolver definições que abarquem a presente complexidade do fenômeno. De um lado, Laclau (2005) propõe uma definição normativa de populismo, na qual ele é a expressão da política e da vontade popular (LACLAU, 2005). Mudde e Kaltwasser, ao contrário, constroem uma definição minimalista na qual o populismo é reduzido à oposição entre povo e as elites (MUDDE; KALTWASSER, 2017).

Neste sentido, o livro “o Fascismo ao Populismo na História”, de Federico Finchelstein, é uma adição muito bem-vinda ao debate. Dialogando com as várias correntes teóricas sobre o fascismo e o populismo, além de apresentar grande quantidade de exemplos, o trabalho de Finchelstein (2019) insere-se neste debate sobre o retorno do fascismo e a emergência de populistas em escala global. Um dos grandes méritos de seu trabalho está em buscar compreender os dois fenômenos através de suas trajetórias, não como sinônimos, mas como movimentos distintos, apesar da influência inicial do fascismo sobre o populismo no pós-guerra. Outro grande mérito do autor está em não igualar experiências distintas, isso é, tanto o fascismo quanto o populismo apresentam grandes variações e uma análise histórica deve buscar compreender as características de cada nação.

As diferenças não se esgotam na comparação entre os dois fenômenos, mas também em suas variações no tempo e no espaço, com o populismo se transformando ao longo do tempo, bem como com cada país e espectro político imprimindo suas características. Neste ponto reside a principal virtude do trabalho. Para Finchelstein (2019) ambos os conceitos devem ser compreendidos através de uma análise transnacional, na

qual suas trajetórias contribuem para a compreensão de suas transformações ao longo do tempo em cada país, evitando generalizações.

De modo complementar, o autor argumenta que os populismos de direita e de esquerda não podem ser tratados como se fossem iguais. O primeiro, mais proeminente na Europa e nos Estados Unidos, apela para xenofobia, racismo, nacionalismo radical, etc. O segundo baseia-se na ideia de libertação dos países.

No primeiro capítulo, Finchelstein (2019) analisa as origens do fascismo, suas principais características e as condições de seu “retorno”. O fascismo original trata-se de um movimento surgido na Itália no começo do século XX como uma espécie de contrarrevolução que rejeitava as bases do iluminismo, a igualdade, democracia, liberdade, o liberalismo, o comunismo, a diversidade, as minorias, entre outras coisas. O movimento propunha a formação de uma nova sociedade, mais homogênea e sem a presença de outras etnias. Aliado a isso, apesar de sua rejeição ao liberalismo, os fascistas não rejeitavam o capitalismo: defendiam sua reforma e “geralmente propunham uma organização corporativista para promover a acumulação de capital” (FINCHELSTEIN, 2019, p.54). A transformação também envolvia questões sociais, de modo a rivalizar com a esquerda.

Dito isso, Finchelstein (2019) argumenta que o fascismo é um movimento reacionário, mas moderno. Ele tem como objetivo a destruição da antiga ordem e a construção de uma nova.

A filosofia da ação e a violência são centrais para esse processo. A primeira destaca a centralidade da ação frente à teoria. A segunda não visava apenas a destruição de seus inimigos das bases das sociedades, mas também a criação de uma nova sociedade: a violência e a destruição, neste caso, são forças revolucionárias.

O autor acertadamente argumenta que as definições sobre fascismo estão divididas em dois grupos. O primeiro é formado por definições generalistas que almejam a construção de uma definição única, minimalista. Para os autores dessa corrente o fascismo consistia em uma experiência europeia e experiências não-europeias não podem ser consideradas como fascismos. Em oposição, as definições transnacionais consideram as experiências locais, culturas, questões sociais, econômicas, entre outras. Elas consideram outras experiências como a japonesa como fascismo.

No final do capítulo Finchelstein aponta que é um erro igualar o populismo ao fascismo: eles têm a mesma linhagem, mas apresentam trajetórias e características distintas. O populismo, mesmo com seu viés autoritário, mantém as eleições e a exclusão



de grupos ocorre como estratégia eleitoral, pelo menos inicialmente. O fascismo, ao contrário, defende a ditadura e a construção de uma sociedade homogênea, sem a presença de outros grupos étnicos.

O segundo capítulo trata das definições de populismo e as várias experiências populistas ao longo da história. Para o autor o fenômeno consiste em uma espécie de democracia autoritária criada na América Latina após a segunda guerra mundial a partir da reformulação do fascismo e posteriormente exportada para outras regiões.

Do mesmo modo que fascismo, o populismo apresenta inúmeras definições concorrentes, as quais podem ser dispostas em definições mínimas e as normativas. As primeiras reduzem o fenômeno a uma frase e/ou expressão. Além disso, elas almejam fornecer cientificidade ao conceito. Finchelstein (2019) critica essas teorias com o argumento de que elas reduzem o conceito, ignoram experiências locais em sua formulação e igualam o populismo de esquerda e de direita. O primeiro se refere à radicalização da democracia, a diminuição das desigualdades sociais e está mais presente na América Latina. O segundo tem como bases a rejeição de etnias, o racismo, a xenofobia, a postura anti-imigração e críticas aos meios de comunicação. Segundo o autor, ao igualar os dois fenômenos, as definições minimalistas acabam por ignorar o caráter anti-democrático, racista e xenofóbico do populismo de direita.

Por sua vez, Laclau (2005) foca na América Latina, mais precisamente, na esquerda que defende a redução da desigualdade social e libertação da região. Para ele, o populismo consiste na expressão máxima da política na sua verdadeira face, na qual visões distintas de mundo são contrapostas a partir dos antagonismos de classe.

O crescimento do interesse sobre o populismo nos últimos tempos foi acentuado pela emergência de governos populistas de direita na Europa e pela vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais estadunidenses de 2016. A expansão da direita e da extrema direita foi impulsionada por uma forte crise de representação global gerada pelas consequências das políticas neoliberais, pela imigração e pela falta de respostas por parte dos partidos tradicionais.

O terceiro e último capítulo enfatiza os aspectos autoritários do populismo do século XXI e sua diferenciação para o fascismo, o qual é definido como uma ditadura contrarrevolucionária. Ele tem se apresentado como antiliberal, anti-institucional, antiesquerda, contrário à imprensa e ao *status quo* e se coloca como alternativa à crise do liberalismo e de representação. Mesmo com suas peculiaridades, pode-se afirmar que eles

têm em comum a junção do populismo com neoliberalismo, plebiscitos e reformas para se manter no poder.

O papel do líder é central para o conceito, com ele se colocando como a personificação da vontade popular. Finchelstein, ao longo da obra, fornece diversos casos de governos e ações de movimentos populistas ao longo da história, com especial destaque ao caso latino americano.

Finchelstein também discute o populismo islâmico e questiona se ele é tão diferente dos demais para ser considerado como uma categoria à parte, além de apontar que a região apresenta experiências diferentes, tanto à esquerda quanto à direita. Por fim, o autor realça o machismo do populismo, já que vários de seus líderes apresentam uma visão estereotipada e reacionária do papel e da imagem das mulheres.

No epílogo o autor reflete sobre a expansão do populismo nas últimas décadas, inclusive em locais até então inimagináveis. O forte crescimento do fenômeno trouxe implicações teóricas, sobretudo as teorias minimalistas que acabam por reduzir e igualar casos diferentes de populismo. Para o autor, o populismo deve ser compreendido a partir de suas histórias e especificidades de cada local.

O retorno e força populista veio como consequência e reação da população a uma persistente crise de representação, na qual os partidos tradicionais falharam em apresentar alternativas para solucionar os problemas econômicos, políticos e sociais, o que acabou abrindo espaço para o surgimento de opções autoritárias.

Por fim, o autor salienta bem que o ressurgimento populista faz parte de um processo de diminuição das diferenças, (pelo menos políticas) entre o centro e a periferia, no qual o primeiro vai se aproximando cada vez mais das dinâmicas do segundo.

O livro de Finchesltein contribui enormemente para o debate sobre o populismo nos dias atuais, primeiramente ao se posicionar de modo contrário a generalizações que buscam reduzir o populismo a algumas poucas linhas. Ao fazer isso, o autor busca romper com o eurocentrismo dominante em muitas abordagens sobre o tema. O surgimento de políticos populistas relevantes nos países centrais alterou a percepção sobre a relação entre o centro e a periferia, com o primeiro, ao longo do tempo, se aproximando cada vez mais das margens.

Outro tema importante tratado pelo autor foi o fascismo. Por vezes, tratado como sinônimo do populismo, muito por suas trajetórias semelhantes, o movimento retornou com força nas últimas décadas. Diferentemente do populismo (que mesmo com tendências autoritárias defende a democracia), o fascismo busca romper com a ordem vigente e fundar

uma nova sociedade. A aproximação entre os dois grupos nos últimos anos se deu com o crescimento da direita radical no mundo. No entanto, mesmo que contem com o apoio de grupos neofascistas, o populismo apresenta diferenças em relação a ele.

Isso leva a outro ponto levantado pelo autor: a necessidade de separar os diferentes tipos de fascismo e populismo na história. Ambos apresentam variações ao longo da história e são globais, isso é, não são restritos a apenas uma região. Tanto o fascismo quanto o populismo incorporam características locais que tornam cada experiência distinta.

Em relação ao populismo deve-se tomar cuidado para não igualar o de direita ao de esquerda. O primeiro encontra-se mais relacionado com a construção de comunidades fechadas sem a presença de elementos “estranhos” à população, ou seja, tem forte teor xenófobo e racista. O segundo tem seu norte na busca por igualdade e na autonomia dos povos.

Feitas essas considerações, o livro de Finchelstein é uma contribuição bem-vinda ao crescente debate sobre o tema. Ao não igualar os fenômenos e defender um exame global de suas trajetórias, o autor defende a importância da realização de estudos transnacionais para a melhor compreensão dos casos.

REFERÊNCIAS

CANOVAN, Margareth. Trust the people! Populism and the two faces of democracy. **Political Studies**, vol.47, nº.1, p.2-16, 1999.

LACLAU, Ernesto. **On populist reason**. New York: Verso, 2005.

LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics**. London: Verso, 1985.

MUDDE, Cass. The populist zeitgeist. **Government and opposition**, vol. 39, nº.4, Cambridge, p.541-563, 2004.

MUDDE, Cass. **The populist radical right in Europe**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

MUDDE, Cass; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. **Populism: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2017.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

O ressurgimento do populismo e do fascismo no século XXI

Rodrigo Ricardo Mayer

Doutor em Ciência Política (UFRGS)

Professor Colaborador – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Departamento de Educação, Ponta Grossa - Paraná, Brasil
mayer.rrm@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-8611-2489>

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Sharon de Toledo Martins pela revisão do texto.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Em Tese** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution 4.0 Internacional (CC BY). Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Publicado no Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

HISTÓRICO

Recebido em: 7 de maio de 2021

Aprovado em: 30 de julho de 2021

